

JOGOS COMPETITIVOS E COOPERATIVOS: UM ESTUDO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE CASCAVEL/PR

COMPETITIVE AND COOPERATIVE GAMES: A STUDY IN THE CASCAVEL/PR MUNICIPAL SCHOOLS

INÁCIO BRANDL NETO

Mestre em Educação/Educação Motora
Professor Assistente do Curso de Educação Física - UNIOESTE

**CRISTHIANE MARCIA MACIEL
KAMINSKI ALVES**

Especialista em Educação Física
Professora da Rede Estadual de Ensino do Paraná

Resumo: Este estudo foi relativo aos jogos ministrados por professores nas aulas de Educação Física nas 3ª e 4ª séries de nove escolas da rede pública, situadas na região sul do município de Cascavel/PR. O objetivo geral foi analisar se os jogos e brincadeiras ministradas por professores nas aulas de Educação Física em nove escolas da rede pública, eram competitivos, de transição ou cooperativos. Além disso, foi verificada a formação destes docentes e o conhecimento sobre os jogos cooperativos. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a observação/descrição de aulas e entrevista semi-estruturada com questões relativas ao tema. Nas trinta aulas observadas, somente dois docentes utilizaram, em algum momento das aulas, jogos de caráter cooperativo. Nenhum docente utilizou jogos de transição e os demais utilizaram jogos competitivos, sendo que das 65 atividades observadas, 52 (80%) foram competitivas, demonstrando os valores que estão sendo repassados as crianças. É importante que os docentes compreendam a validade dos jogos na construção do relacionamento social por meio da vivência nas situações de liderança e de cooperação, no pensar em equipe e na busca de estratégias para a obtenção de objetivos comuns, deixando de lado a questão de que vencer é o mais importante.

Palavras-chave: Cooperação; Competição; Jogos; Educação Física.

Abstract: This study is concerned to the games prearranged by teachers for the Physical Education classes in the 3rd and 4th initial years from nine public schools, located in the south region of the Cascavel/PR city. The main objective is to analyze whether the games and tricks given by the teachers for the Physical Education classes in the nine public schools are competitive, transitional or cooperative. Moreover, it is verified the formation of these teachers and the knowledge about the cooperative games. The instruments used for collecting the data were the classes' observation/description and a semi-structuralized interview with questions concerned to the issue. In the thirty observed lessons, only two teachers used cooperative game. None used transition games and the others used competitive games, it is known that from the 65 observed activities 52 (80%) were competitive, showing the values that are being taught to the children. It is important for the teachers to understand the games strength in the social relationship construction through the leadership and cooperation experiences, when thinking for the team and when searching for strategies to reach common objectives, setting apart the issue that to be successful is the most important.

Keywords: Cooperation; Competitio; Games; Physical Education.

1 INTRODUÇÃO

Considerando os problemas que enfrentamos em nossa sociedade, (violência, competição exacerbada, falta de ética, etc.), observa-se que a escola/Educação Física é, muitas vezes responsável pelo incentivo à competição, e que isto está gerando conflitos entre os alunos.

A escola foi criada para dar educação básica a todos, mas o que acontece é que a escola tradicional acaba por desenvolver práticas e valores que progressivamente contribuem para acentuar as diferenças entre os alunos.

As aulas de Educação Física que deveriam proporcionar um ambiente de socialização acabam por incentivar a competição, o que gera o insucesso e a insegurança dos menos favorecidos que por sua vez acabam por abandonar as aulas, tendo ainda problemas de disciplina e conflitos.

A escola que deveria integrar e acolher todos, tornou-se ela própria, um instrumento de seleção que, em muitos casos, acentua as diferenças culturais e de características e capacidades pessoais de que os alunos são portadores (RODRIGUES, 2001).

É de conhecimento dos educadores que no jogo por si só está implícito o aspecto lúdico, gerando motivação pela atividade. Acredita-se que, se além do aspecto lúdico, adicionarmos a possibilidade de desenvolver conteúdos, conceitos e questões de atitudes como a cooperação, teremos um excelente e poderoso aliado no processo de desenvolvimento da criança nas séries iniciais.

Refletindo sobre estas questões, o presente estudo teve por objetivo analisar se os jogos ministrados por professores nas aulas de Educação Física nas 3ª e 4ª séries de nove escolas da rede pública, situadas na região sul do município de Cascavel/PR, eram competitivos, de transição ou cooperativos. Outra meta foi verificar a formação acadêmica dos docentes e o conhecimento sobre os jogos cooperativos. Pode-se observar também a influência da formação na prática pedagógica dos docentes.

Para operacionalizar o processo da pesquisa foram observadas/descritas aulas e realizadas entrevistas semi-estruturadas com docentes que trabalhavam com a Educação Física. Somente um era formado na área. A caracterização das atividades e jogos competitivos, de transição e cooperativos, encontram-se na metodologia.

2 REVISÃO LITERÁRIA

Antes de apresentarmos a revisão sobre atividades competitivas e cooperativas na Educação Física Escolar, buscamos o pensamento de Huizinga em relação ao jogo como elemento de cultura. Este autor acredita ser o jogo um elemento da cultura humana. Huizinga (1980) propõe ainda que o jogo seja anterior à cultura, tendo em vista que este existe antes da sociedade humana, que os jogos já eram praticados por animais. “A existência do jogo não está ligada a qualquer grau determinado de civilização ou a qualquer concepção do universo” (HUIZINGA, 1980, p. 06).

O autor propõe ainda que o jogo seja tratado com o devido zelo, que se observe suas relações históricas, culturais e sociais. Dessa forma, sendo o jogo elemento de cultura, é transmissor e retransmissor e ao mesmo tempo recriador desta e, principalmente, encerra em si mesmo sua significação. Huizinga (1980) coloca o jogo acima do racional e mensurável; coloca-o como função da cultura, do mais primitivo ao mais sofisticado grau.

A seguir passaremos a rever a opinião de alguns autores sobre o processo educacional na Educação Física e suas relações com os jogos competitivos e cooperativos.

O modelo educacional que as escolas trabalham atualmente valoriza a técnica, o rendimento, a padronização e o individualismo. Para Vago e Souza (1999), estas concepções que relacionam o ser humano como portador de um corpo reduzido ao biológico, omitindo suas práticas culturais, desenvolve um indivíduo disciplinado, padronizado, treinado; sujeito a classificações e comparações, o que caracteriza um processo excludente e discriminatório dos alunos.

Betti (2002) afirma que a Educação Física como componente curricular da educação básica deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, contribuindo para a formação do cidadão que será capaz, ao final de sua jornada escolar, de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la. Mas, para que isso aconteça não basta aprender habilidades motoras e reproduzir movimentos, a aprendizagem é necessária, porém, não o suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte, precisa também compreender o esporte dentro de um contexto social, saber como e porque utilizá-lo e porque respeitar as regras, e principalmente aprender a respeitar o

adversário como um companheiro e não como um inimigo, pois sem ele não há vencedor.

O professor de Educação Física, com relação à exclusão, tem papel fundamental e transformador, fazendo com que a criança aprenda brincando e se desenvolva de maneira a valorizar o seu aprendizado deixando de lado a questão “vencer é o mais importante”, pois, como afirma Soler (2003, p. 65),

a Educação Física Escolar pode ser um meio importante para uma tomada de consciência, e que a mudança de que tanto falamos aconteça, ou seja, que possamos diminuir o número de pessoas excluídas e marginalizadas dentro da escola. A escola é especialista em reforçar a competição, já que não estimula a criança a amar o aprendizado, mas sim, a tirar notas cada vez mais altas. E a Educação Física, por sua vez, não valoriza a pessoa que joga, e sim o jogo, fazendo com que o jogo seja sempre mais importante que a pessoa que joga, quando na verdade deveria ser justamente o contrário.

Como profissionais de Educação, não podemos retirar da aula um aluno que apresente baixo desempenho físico, porque ao se proceder desta forma está se negando ao aluno o direito do aprendizado, pois a Educação Física tem fundamental importância para o crescimento e para o desenvolvimento deste, e é tão importante para a formação do aluno quanto às aulas de línguas ou de matemática. Na cooperação existe a possibilidade da participação das pessoas (crianças) com menor desempenho, pois as regras podem ser modificadas para atender a todos. A ajuda dos companheiros e do professor pode fazer com esses alunos possam se sentir mais valorizados e importantes perante a atividade e a todos, melhorando sua auto-estima e incentivando a aprendizagem. Normalmente, numa competição tipo estafeta, as crianças não querem aprender (o dribble, por exemplo), mas, sim, ganhar a qualquer custo. Na atividade cooperativa a aprendizagem fica mais caracterizada, pois, a concentração está em aprender a realizar a atividade e não em somente vencer. Outra característica da cooperação, é que todos saem ganhando (BROTTO, 1999).

Para Orlick (1989), a diferença principal entre competição e cooperação é que, na competição existe a valorização do vencedor, deixando de lado os outros que competiam, já na cooperação, todos jogam e todos vencem eliminando assim o medo e a insegurança.

Existe entre a competição e a cooperação algumas semelhanças, podendo haver jogos de competição onde existe a cooperação e jogos de cooperação onde aparece “raramente” a competição. Brotto (1999, p. 38) classifica as diferenças entre as duas modalidades da seguinte forma:

Cooperação: é um processo de interação social, onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para todos.

Competição: é um processo de interação social, onde os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são isoladas ou em oposição umas as outras, e os benefícios são concentrados somente para alguns

O jogo cooperativo não é algo novo, pois, segundo Orlick (1989), esses jogos tiveram início a milhares de anos quando membros das comunidades tribais se reuniam para festas de celebração à vida.

Para vários autores que estudam os jogos estes possuem muitas categorias, porém todos concordam que o mais evidente é o caráter lúdico do jogo, e é o que propicia uma aproximação do homem, com os outros e com ele mesmo (BROTTO, (2001).

Para Brotto (2001), o jogo cooperativo proporciona um relacionamento íntimo, procurando conhecer, aceitar e dinamizar harmoniosamente os aspectos da própria personalidade do homem.

Brotto (1999) observa ainda que, quando o sujeito joga não apenas representa simbolicamente a vida, mas está praticando, direta e profundamente, um exercício de co-existência e de re-conexão com a essência da vida. O autor afirma que para se sair vitorioso de uma atividade, não é necessário, obrigatoriamente, derrotar alguém, pois a oportunidade de superar os próprios limites se constitui na verdadeira razão da vitória.

De acordo com estudos realizados por Brotto (1999), na década de 70, Terry Orlick, pesquisador canadense, desenvolveu a teoria sobre os jogos cooperativos. Orlick questionou as regras dos jogos tradicionais e as adaptou para transformá-los em jogos cooperativos, onde o confronto é eliminado, e todos têm direito a participar e vencer, isto é, joga-se com os outros e não contra os outros.

No Brasil, Brotto é um dos primeiros pesquisadores a tratar os jogos cooperativos como um novo enfoque de abordagem na Educação Física.

O pesquisador argumenta que a modalidade de jogos cooperativos é uma percepção filosófico-pedagógica criada para promover a ética da cooperação e a melhoria da qualidade de vida para todos.

Jogando cooperativamente, é possível reconhecer que a verdadeira vitória não depende da derrota de outros. Pode-se compreender que ao participar do jogo e viver a vida, o principal valor está na oportunidade de conhecer um pouco melhor as próprias habilidades e potenciais e, simultaneamente, cooperar para que os outros realizem o mesmo (BROTTO, 1999).

É importante frisar que se entende, neste trabalho, o termo “cooperação” como preparação para conviver em equipe desenvolvendo habilidades para liderar, compartilhar, ser liderado e lidar com regras o que automaticamente leva a criança a aprimorar princípios de ética e afetividade, aspectos tão carentes hoje em nossa sociedade.

Mostraremos a seguir dois quadros (1 e 2) que procuram caracterizar a competição e a cooperação. Eles serviram também, na metodologia, como base para a orientação da pesquisa.

Quadro 1. Comparativo entre situações competitivas e cooperativas.

FORMA COMPETITIVA	FORMA COOPERATIVA
Individualista	Grupal
Participação limitada	Todos participam
Desordem	Organização
Ganhador / perdedor	Todos ganham
Desunião	União
Trapaça / Esperteza	Honestidade
Frustrante	Reconfortante
Limitado	Amplo
Repúdio	Acolhida / Confiança
Conformismo	Desafio coletivo
“O jogo sou eu”	“O jogo somos nós”

Fonte: SOLER (2003:72).

Quadro 2. Características competitivas e cooperativas.

FORMA COMPETITIVA	FORMA COOPERATIVA
Divertidos para alguns	Divertidos para todos
Sentimento de derrota	Sentimento de vitória
Alguns excluídos por falta de habilidade	Todos se envolvem, independentemente de sua habilidade
Aprende-se a ser desconfiado	Aprende-se a compartilhar e a confiar
Categorias, meninos X meninas, criando barreiras entre pessoas	Há mistura de grupos que brincam juntos, criando alto nível de aceitação mútua

Categorias, meninos X meninas, criando barreiras entre pessoas	Há mistura de grupos que brincam juntos, criando alto nível de aceitação mútua
Perdedores ficam de fora do jogo e, tornam-se observadores	Todos envolvidos por período maior, mais tempo para desenvolver capacidades
Não se solidarizam e, felizes quando algo de “ruim” acontece aos outros	Aprende-se a solidarizar com sentimentos dos outros e, deseja-se o seu sucesso
Jogadores desunidos	Aprendem a ter um senso de unidade
Perdem a confiança em si quando são rejeitados ou perdem	Desenvolvem autoconfiança porque são bem aceitos
Pouca tolerância a derrota, desenvolve sentimento de desistência	A habilidade de perseverar face as dificuldades é fortalecida
Poucos se tornam bem sucedidos	Todos encontram caminho para crescer

Fonte: SOLER (2003:79).

3 METODOLOGIA

A pesquisa ancorou-se numa abordagem de ordem qualitativa/quantitativa, de cunho descritivo. Segundo Neves (1996), o trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados serão coletados. Foram utilizados como instrumento de coleta de dados a observação das aulas com descrição das atividades e jogos e entrevista semi-estruturada com perguntas relacionadas ao tema. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Unioeste e os consentimentos para pesquisa foram obtidos com a Secretaria de Educação do município, Direções de escolas e Professores. Foram acompanhados nove docentes que atuavam nas escolas municipais da região sul da cidade de Cascavel, PR. Foram observadas e descritas quatro aulas ministradas para a 3ª ou 4ª série de cada professor, totalizando trinta e seis. Todavia, algumas aulas foram aplicadas por estagiários e não foram contadas. O número passou para trinta. Foram descritas sessenta e cinco atividades.

Antes da aplicação do instrumento (ficha para coleta das informações com cabeçalho codificado e com descrição de cada atividade ministrada), o mesmo foi testado com outra turma que não fazia parte da pesquisa. Testou-se também a entrevista semi-estruturada com professor que não participou do estudo.

Para facilitar a demonstração dos resultados, foram construídos quadros e elaboradas categorias de análise baseadas no estudo ora apresentado e em Orlick (1989), Brotto (1999) e Soler (2003). São elas: atividades e jogos *cooperativos*, *competitivos* e *de transição*. De maneira geral estão designadas assim: Cooperação é entendida como atividade onde todos participam e trabalham juntos para que os objetivos, que são comuns, sejam alcançados de maneira prazerosa por todos. Competição é

considerada uma atividade onde uma pessoa ou grupo tem como objetivo um melhor resultado em relação à outra pessoa ou grupo, sempre visando à recompensa, a vitória e não a atividade em si. E a atividade de transição é entendida como uma competição em que todos participam efetivamente, onde todos jogam/brincam (inclusão), podendo ser: todos tocam ou passam (uma bola, por exemplo); todos marcam pontos; todos passam por todas as posições; ou um misto dessas situações. Foram constituídos quadros individuais e depois quadros com resultados coletivos. Os dados apresentados nos quadros foram numéricos e percentuais

A entrevista foi aplicada com cada docente após as observações das aulas e o objetivo foi complementar informações sobre o que foi observado nas aulas. Ela trouxe esclarecimentos sobre a graduação, do porque ministravam aulas de Educação Física, qual característica dos jogos que ministravam, se conheciam jogos cooperativos e quais autores ou literatura se baseavam para aplicar as aulas. Cada entrevista foi gravada, transcrita e analisada. As respostas em comum dos docentes foram agrupadas quando da análise dos conteúdos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente serão apresentados os resultados das observações e descrições das aulas, em forma de quadros demonstrativos coletivos, e após, as questões da entrevista semi-estruturada. Como os quadros 3 e 4 se complementam, neste artigo optamos primeiro em apresentá-los e depois fazer a discussão dos mesmos.

No quadro 3 estão colocados os docentes (D1, D2,...), as categorias de análise (cooperativos, de transição e competitivos) e o número de atividades e jogos de cada professor em cada categoria. Mostra também o número total de atividades em dados numéricos e percentuais em cada categoria e o total geral das atividades.

Quadro 3. Demonstrativo geral do nº total das atividades 3 categorias de análise.

Docentes	Categorias									Total	%
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9		
Cooperativo	1	0	0	9	1	0	0	2	0	13	20%
Competitivo	8	8	8	3	4	5	4	4	8	52	80%
Transição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Total geral	9	8	8	12	5	5	4	6	8	65	100%

O quadro a seguir apresenta o resultado das aulas assistidas de cada docente (D1, D2,...) e a atividade, representada por categorias de análise, sendo que as categorias de análise ficaram representadas da seguinte forma: C1. para jogos cooperativos, C2. para os jogos competitivos e T, para jogos de transição.

Quadro 4. Apresentação das observações das aulas.

Aulas assistidas	1				2				3				4			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
D1	C2	C2	C2		C1	C2			C2	C2			C2	C2		
D2	C2	C2			C2	C2			C2	C2			C2	C2		
D3	C2	C2			C2	C2			C2	C2			C2	C2		
D4	C1	C1	C1		C1	C1	C1		C1	C1	C1		C2	C2	C2	
D5	C2				C1				C2	C2	C2	**	**	**	**	**
D6	C2	C2			C2				C2	C2	**	**	**	**	**	**
D7	C2	C2			C2	C2			**	**	**	**	**	**	**	**
D8	C1	C2	C2		C1	C2	C2		**	**	**	**	**	**	**	**
D9	C2	C2			C2	C2			C2	C2			C2	C2		

** Presença de estagiários na escola.

Nas trinta aulas observadas, somente dois docentes utilizaram em algum momento das aulas jogos de caráter cooperativo. Nenhum docente utilizou jogos de transição e os demais utilizaram jogos competitivos, sendo que a maioria das aulas (18) eram “livres” e os alunos se organizaram sozinhos, de forma competitiva, jogando futsal ou queima. Porém, alguns optaram por não fazer nada em todas as escolas, em que o dia da aula era livre e, outros, foram dançar. Na escola E3 e na escola E8 os alunos optaram por irem ao “parquinho”. Alguns alunos apresentaram características de agressividade e desrespeito às regras. De 65 atividades observadas, 52 (80%) foram competitivas, demonstrando valores que podem estar sendo incorporados pelas crianças.

O que ficou comprovado nas observações das aulas foi que vários alunos ficaram fora das atividades desenvolvidas pelos docentes. Isso causa preocupação, pois, acredita-se que a melhor forma de desenvolvermos a inclusão é através de atividades em que os alunos vivenciem situações que dependam uns dos outros. Que haja a troca de experiências e ajuda mútua fazendo com que o laço de amizade entre os participantes se consolide cada vez mais e, depois de cada atividade o professor pode pedir que todos relatem o que sentiram durante a atividade, e então é o momento para o professor

resgatar princípios de respeito, cooperação, amor pelo próximo e pelo meio onde vive.

As observações das aulas do docente formado em Educação Física demonstraram que em nenhum momento o docente incentivou a competição, mesmo durante uma atividade onde o aluno deveria conduzir a bola e lançar para outro colega chutar a gol - “não é competição, é só para realizar a atividade” – falou este docente. Apesar de apresentar caráter esportivo, não houve incentivo a competição por parte do docente.

Conforme Vigotsky (1991), para que a criança desenvolva suas atitudes emocionais vai depender do estado de ânimo dela, e as experiências fazem parte deste processo. É neste momento que as atitudes do professor farão a diferença. É durante a fala do professor, onde ele expressa emoções e conceitos, que o aluno poderá levar para a sua vida. O que é confirmado por Brotto (2001), quando diz que é necessário que se crie um ambiente cooperativo para que a criança aprenda desde cedo que é importante cooperar, e quais os benefícios de uma atitude cooperativa.

Segundo BRASIL (1997, p. 58) - Parâmetros Curriculares Nacionais -, se

um dos objetivos da Educação é ajudar as crianças a conviverem em grupo de maneira produtiva, de modo cooperativo, é preciso proporcionar situações em que aprender a dialogar, a ouvir o outro, ajudá-lo, pedir ajuda, trocar idéias e experiências, aproveitar críticas e sugestões sejam atitudes possíveis de serem exercidas.

Os educadores podem ser os responsáveis por contornar estes problemas a fim de integrar e incentivar os alunos. Para que não se possa ter como único objetivo os melhores rendimentos esportivos, muito menos, a aptidão física, e como educadores, há a necessidade da utilização de diversas formas para trabalhar a conscientização da cooperação nos alunos, basta que o educador possa reconhecer que seu papel é fundamental neste processo.

Sobre as respostas da entrevista, verificou-se que dos nove docentes só um era formado em Educação Física – Licenciatura. Os que não eram da área escolheram as aulas pelos seguintes motivos: para completar os horários; porque era perto da casa; porque foi a última a escolher aulas; porque era atleta; porque gostava de atividades agitadas. Oito

docentes não conheciam os jogos cooperativos. Seis professores só separam a turma em duas equipes e fazem jogo competitivo. Sete docentes disseram que não segue nenhuma literatura. Uma professora respondeu: “logo irei me aposentar, não quero mais me incomodar”. Isto representa claramente o desinteresse ou ainda a despreocupação com a qualidade das aulas ministradas, pois uma aluna da escola reclamou: “não agüento mais estas aulas livres”. Somente o docente formado em Educação Física (D4) seguia literatura da área adequada à idade e conhecia e aplicava jogos cooperativos, além de práticas pedagógicas participativas.

Percebeu-se a necessidade do professor de Educação Física licenciado, pois, assim terá mais condições de realizar um trabalho com conhecimentos que vislumbrem uma prática de Educação Física Escolar que leve à transformação da realidade, com conteúdos específicos para estas séries, permitindo ao sujeito uma evolução em todos os aspectos, porque o aluno é agente cultural e isso se reflete socialmente no seu processo de formação. Percebe-se a vontade dos alunos em participar de atividades que sejam estimulantes, onde o professor possa contribuir de alguma forma com o seu conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pretendeu mostrar como se encontra a prática pedagógica relativa aos jogos cooperativos, de transição e competitivos, nas aulas de Educação Física de 3ª a 4ª séries, na região sul do município de Cascavel, e contribuir para que os docentes sintam-se motivados a explorarem os jogos cooperativos no Ensino Fundamental, compreendendo a importância da utilização destes para diminuir a exclusão das aulas de Educação Física. É importante que os docentes assimilem que, se utilizados de forma incorreta, sem uma devida reflexão e adequado acompanhamento teórico, os jogos competitivos podem causar insegurança e medo de errar, o que pode ocasionar a saída de alguns alunos da atividade.

Os jogos cooperativos possibilitam maior participação entre os alunos, pois não há evidência de um perdedor. Este trabalho pode instigar novas possibilidades de aplicação metodológica dos jogos, além de despertar interesse sobre o assunto, motivando novas indagações.

Os jogos cooperativos devem ser utilizados nas aulas com fins pedagógicos, auxiliando no processo educacional de crianças no ensino fundamental de primeira à quarta série, pois, permitem um desenvolvimento integral dos alunos. Nesta faixa etária, os jogos cooperativos favorecem o desenvolvimento cognitivo (atenção, memória, raciocínio e criatividade); afetivo-social (relações humanas) e o desenvolvimento motor (aspectos biológicos e a aprendizagem de habilidades básicas e específicas).

A cooperação, através dos jogos cooperativos, pode assumir papel importante na mudança da Educação Física Escolar, e ainda contribuir para uma visão não excludente, onde todos possam participar e ganhar. Para isto, deve-se começar com a mudança em relação à sociedade na qual estamos inseridos e a escola, juntamente com a família e professores que podem cooperar para que esta mudança possa acontecer.

Diante do que foi observado nas aulas, pode-se assim classificar os jogos utilizados nas aulas de Educação Física como competitivos, mais ainda, verificaram-se aulas onde o principal objetivo percebido é o de valorizar um aluno ou um grupo, aumentando ainda mais as diferenças existentes entre eles, quando deveria oferecer oportunidades de vivências para todos, o que acaba por contrariar os princípios básicos da educação para todos e refletindo ainda mais o padrão de uma sociedade baseada na competição. Na entrevista, constatou-se que somente um docente tinha formação na área (licenciado em Educação Física) e este conhecia as práticas pedagógicas relativas aos jogos cooperativos. Ousamos inferir, pelo resultado do estudo, que a formação docente interfere qualitativamente na formação das crianças, pois, elas incorporam como natural as formas de ação que praticam, podendo levar adiante esta atitude durante toda a sua vida.

A inclusão e a cooperação não são elementos essenciais somente às aulas de Educação Física. Para que um trabalho pedagógico dê certo é evidente a necessidade do envolvimento de toda a equipe responsável pelo processo de formação do aluno, pois de nada adianta o professor de Educação Física trabalhar a cooperação e o professor de Matemática ou de História incentivarem a competição na sala de aula, destacando o aluno que é mais aplicado e com melhores notas, isto prejudicará a formação geral dos alunos, e implicará no entendimento da importância da cidadania, que por sua vez, não

possibilitará que, posteriormente, aqueles alunos sejam cidadãos mais reflexivos e colaboradores na formação de uma sociedade mais igualitária e menos excludente.

A Educação Física deve dar oportunidade a todos os alunos, sem discriminação, valorizando todos os alunos independentemente de sua aptidão física, cor, sexo ou nível social. Porém, o que foi observado através da análise das respostas dos docentes é que os jogos (conteúdos) utilizados nas aulas são de natureza excludente e que estes acabam por priorizar ou valorizar apenas alguns alunos.

O que leva a acreditar que se as aulas de Educação Física continuarem a ser trabalhadas de maneira tradicional e competitiva, desconsiderando o planejamento adequado, objetivando muitas vezes apenas o desenvolvimento da aptidão física do indivíduo, estar-se-á contribuindo, cada vez mais, para a adaptação passiva do homem à sociedade, alienando-o da sua condição de sujeito histórico que é capaz de interferir na transformação da mesma.

É fundamental que professores de Educação Física compreendam que os jogos podem atuar como agente que possibilite maior participação do aluno. Os jogos cooperativos podem servir como instrumento metodológico para diminuir a exclusão nas aulas de Educação Física, e conseqüentemente melhorar o desenvolvimento, e a sociabilização das crianças.

Entende-se cooperação como preparo para conviver em equipe desenvolvendo habilidades para liderar, compartilhar, ser liderado e lidar com regras o que automaticamente leva a criança a aprimorar princípios de ética e afetividade, aspectos tão carentes hoje em nossa sociedade. Pois as situações criadas pelo jogo imitam a vida real e atuam na formação do indivíduo. O estudo sobre o uso dos jogos nas aulas de Educação Física poderá indicar relações e justificativas para a aplicação dos jogos cooperativos em relação aos jogos de competição nas aulas.

A Educação Física deve refletir sobre essa “máxima” competitiva, buscando alternativas que incluam e incentivam a participação de todos, verificando para isso procedimentos que possibilitem que todos aprimorem suas habilidades individuais, deixando de lado a comparação com o

desempenho do colega. Para tanto, percebeu-se que existe a necessidade do profissional que possua qualificação para realização de um trabalho que vislumbre nas aulas de Educação Física mais que uma possibilidade de aprender esportes ou atividades competitivas, mas que traga para as aulas, atividades que permitam a participação de todos, onde em um único jogo, todos participem, todos ficam felizes e todos se sintam vencedores.

Pelo exposto, sugerimos à Secretaria de Educação de Cascavel, a revisão da política de contratação de professores para ministrarem aulas de Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

6 REFERÊNCIAS

BETTI, M. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. a. 1, n. 1, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física/ensino fundamental. Rio de Janeiro: 1997.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!** Santos: Projeto cooperação, 1999.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos: Projeto cooperação, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Madrid: Alianza; Emecé, 1980.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/>> Acesso em 03 de abril 2007.

ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do livro, 1989.

RODRIGUES, D. **A Educação Física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas**. Disponível em <<http://www.sobama.org.br/>> Acesso em: 15 de março de 2006.

SOLER, R. **Jogos cooperativos para a educação infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

VAGO, T. M.; SOUZA, E. S. **A Educação Física e as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental**. Presença Pedagógica. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999;

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Correspondência:

Autor: Inácio Brandl Neto

Endereço: Rua Dom João VI, 1984, Marechal Cândido Rondon - Paraná

E-mail: inaciobrandl@gmail.com

Recebido em: 10/05/2008

Aceito em: 13/06/2008